



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0239/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 03/09/2025

Líderes sauditas transmitem condolências após deslizamento de terra no Sudão



O Rei Salman e o Príncipe herdeiro do Reino da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, transmitiram condolências hoje quarta-feira ao povo do Sudão depois que um deslizamento de terra que matou mais de 1.000 pessoas. Autoridades sudanesas, a ONU e grupos de ajuda correram para a aldeia de Tarasin, na remota cordilheira de Jebel Marra, em Darfur, para apoiar os esforços humanitários. O deslizamento de terra atingiu a aldeia no passado domingo após fortes chuvas, de acordo com o grupo armado que controla a área.

O Rei e o Príncipe herdeiro transmitiram as suas mais profundas condolências ao Presidente do Conselho de Soberania de Transição do Sudão, general Abdel Fattah Al-Burhan, às famílias dos falecidos e desejaram uma rápida recuperação aos feridos. O Movimento/Exército de Libertação do Sudão, que há muito governa uma parte

autônoma de Jebel Marra, apelou à ONU e às agências de ajuda internacional para ajudar a recolher os corpos das vítimas, incluindo homens, mulheres e crianças.

A Coordenadora Residente e Humanitária da ONU no Sudão, Luca Renda, disse em um comunicado ontem terça-feira que sua organização "e nossos parceiros humanitários estão se mobilizando para fornecer apoio à população afectada". **Fonte-Reuters.**

Príncipe herdeiro saudita e Presidente francês discutem situação terrível na Palestina



O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman e o Presidente Emmanuel Macron.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman e o Presidente da França, Emmanuel Macron, discutiram ontem terça-feira a terrível situação na Palestina. A Agência de Imprensa Saudita informou que o Príncipe herdeiro, que recebeu um telefonema de Macron, reiterou a posição do Reino para o fim imediato da guerra de Israel em Gaza e nos Territórios Ocupados.

O Príncipe herdeiro também condenou quaisquer medidas destinadas a minar uma solução de dois Estados para a situação. O Reino da Arábia Saudita e a França lideraram uma iniciativa para reconhecer um Estado palestino. Em julho, Macron anunciou que a França reconheceria formalmente a Palestina durante a Assembleia Geral da ONU no final deste mês, tornando-se o primeiro país do G7 a assumir o compromisso.

A medida foi bem recebida pelo Reino da Arábia Saudita e outros estados do Golfo.

O Ministério das Relações Exteriores disse que o Reino "elogia esta decisão histórica, que reafirma o consenso da comunidade internacional sobre o direito do povo palestino à autodeterminação e ao estabelecimento de seu Estado independente". No mês passado, o Reino da Arábia Saudita e a França co-presidiram uma conferência importante para encorajar as principais potências mundiais a aceitar que o Estado palestino agora é necessário para garantir a paz de longo prazo no Médio Oriente.

Austrália, Bélgica, Canadá, Malta, Portugal e Reino Unido prometeram reconhecer a Palestina este mês. Israel ameaçou tomar a Cidade de Gaza após quase dois anos de guerra no território ocupado, e também anexar a Cisjordânia se as nações ocidentais cumprirem as promessas de reconhecer um Estado palestino. "Nenhuma ofensiva, tentativa de anexação ou deslocamento forçado de populações vai atrapalhar o ímpeto", escreveu Macron no X, após sua ligação com o Príncipe herdeiro.

Israel matou mais de 62.000 pessoas, a maioria civis, em Gaza e tem matado a população de fome como arma de guerra, de acordo com autoridades de saúde e grupos de direitos humanos. Especialistas descreveram as ações de Israel como genocídio. Tel Aviv actualmente enfrenta acusações de genocídio no Tribunal Internacional de Justiça. Além disso, o Tribunal Penal Internacional emitiu mandados de prisão para o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e o ex-ministro da Defesa Yoav Gallant, alegando crimes de guerra que incluem fome deliberada. Esta semana, a Associação Internacional de Estudiosos do Genocídio, com 500 membros, afirmou que a acção de Israel equivale a genocídio. Oitenta e seis por cento dos estudiosos votaram a favor da resolução declarando: "As políticas e acções de Israel em Gaza atendem à definição legal de genocídio no Artigo II da Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio (1948)". A última guerra israelense contra os palestinos começou em outubro de 2023, depois que o Hamas invadiu assentamentos israelenses, resultando na morte de 1.200 pessoas, a maioria civis, e na captura de cerca de 250.

O governo de Israel prometeu erradicar o grupo e libertar seus cidadãos. O presidente dos EUA, Donald Trump, realizou uma reunião na Casa Branca na semana passada para discutir a situação. A reunião contou com a presença do enviado de Trump para o Médio Oriente, Steve Witkoff, Jared Kushner, genro e ex-conselheiro do presidente, o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair e um alto funcionário israelense, de acordo com a imprensa dos EUA. Um prospecto de 38 páginas que circula dentro do governo Trump prevê a realocação de todos os 2 milhões de habitantes de Gaza. Os EUA querem assumir o enclave por 10 anos enquanto ele é transformado em um resort turístico e centro de tecnologia, informou o Washington Post no passado domingo.

Trump anunciou em fevereiro que quer que o território palestino seja transformado no que chamou de "Riviera do Médio Oriente". **Fonte-Reuters.**

Reino da Arábia Saudita e o Japão concordam com a necessidade de diálogo para resolver a questão nuclear do Irão



O Príncipe Faisal disse que ambos os países concordam em buscar uma solução pacífica para a questão nuclear iraniana por meio do diálogo.

O ministro das Relações Exteriores do Japão, Takeshi Iwaya, conversou por telefone com o seu homólogo do Reino da Arábia Saudita, o Príncipe Faisal bin Farhan, ontem terça-feira e concordou que uma resolução pacífica da questão nuclear do Irão deve ser alcançada por meio do diálogo, informou o Ministério das Relações Exteriores do Japão.

Iwaya observou a importância dos apelos dos países do Golfo por contenção e diálogo de ambas as partes durante a troca de ataques entre Israel e o Irão em junho. Ele também afirmou que o Japão continuaria seus esforços diplomáticos para uma resolução pacífica da questão nuclear iraniana por meio do diálogo.

O Príncipe Faisal disse que ambos os países concordam em buscar uma solução pacífica para a questão nuclear iraniana por meio do diálogo. Ele também saudou o papel proativo do Japão na estabilização da região e expressou o seu desejo de continuar uma cooperação estreita. Em outros assuntos, Iwaya enfatizou a necessidade de abordar a grave situação humanitária em Gaza, bem como reiterar o apoio do Japão a uma solução de dois Estados para resolver a questão palestina. O Príncipe Faisal expressou seu apreço pelo apoio do Japão a Gaza e seu apoio consistente à solução de dois Estados.

Iwaya estava falando do Kuwait, onde participou na Reunião de Ministros das Relações Exteriores Japão-GCC e outros eventos. Os dois ministros realizaram uma troca franca de pontos de vista sobre os recentes desenvolvimentos regionais, incluindo Irão, Gaza e Síria. O Príncipe Faisal não pôde comparecer à reunião GCC-Japão devido a outras obrigações. Sobre a Síria, Iwaya disse que o Japão apreciou o movimento do governo sírio em direcção a uma transição pacífica e enfatizou a importância de respeitar a independência e a soberania da Síria. O Príncipe Faisal enfatizou a importância de encorajar os esforços do governo sírio em direcção à resolução política e à reconciliação nacional por meio do diálogo.

O ministro das Relações Exteriores do Japão expressou sua satisfação com os intercâmbios de alto nível entre os dois países no 70º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas este ano e declarou sua intenção de continuar os laços estreitos. Em resposta, o Príncipe Faisal disse que os dois ministros tiveram trocas significativas de pontos de vista durante suas duas reuniões no início deste ano sobre relações bilaterais e assuntos regionais e expressou sua satisfação com a estreita comunicação em andamento entre eles. Eles concordaram em continuar se comunicando para fortalecer ainda mais as relações bilaterais e aumentar a cooperação na arena internacional. **Fonte-Reuters.**

Vice-governador recebe embaixador australiano em Riade



O Príncipe Mohammed bin Abdulrahman bin Abdulaziz (à direita) mantém conversações com Miles Armitage em Riade.

O vice-governador de Riade, Príncipe Mohammed bin Abdulrahman bin Abdulaziz, recebeu ontem terça-feira o embaixador australiano no Reino, Miles Armitage. A reunião foi realizada após a nomeação de Armitage como embaixador do seu país no

Reino, informou a Agência de Imprensa Saudita. O Príncipe Mohammed desejou sucesso ao embaixador em suas novas funções. Durante a reunião, eles discutiram vários tópicos de interesse comum. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita expressa condolências após deslizamento de terra destruir aldeia no Sudão e matar 1.000 pessoas

O Reino da Arábia Saudita expressou ontem terça-feira as suas condolências ao governo e ao povo do Sudão depois que um deslizamento de terra na região de Darfur soterrou uma vila montanhosa inteira e matou pelo menos 1.000 pessoas.

Fortes chuvas provocaram o desastre no passado domingo, arrasando a vila de Tarasin, na remota cordilheira de Jebel Marra, disse a facção rebelde Movimento de Libertação do Sudão / Exército (SLM / A) que controla a área em um comunicado, acrescentando que havia apenas um sobrevivente.

O SLM/A, que há muito controla e governa uma parte autônoma de Jebel Marra, apelou às Nações Unidas e às agências de ajuda internacional para ajudarem a recolher os corpos das vítimas, incluindo homens, mulheres e crianças.

O SLM/A permaneceu neutro na batalha entre os principais inimigos da guerra civil do Sudão, o exército sudanês e as Forças de Apoio Rápido paramilitares. Os dois inimigos estão lutando pelo controle de Al-Fashir, capital do estado de Darfur do Norte, que está sitiada pelas RSF.

O Ministério das Relações Exteriores expressou a solidariedade do Reino com o Sudão e seu povo, e suas sinceras condolências às famílias dos falecidos. Também desejou aos feridos uma rápida recuperação. **Fonte-Reuters.**

Programa de redesenvolvimento para o Iêmen e o Banco Mundial exploram parcerias



O Programa Saudita de Desenvolvimento e Reconstrução para o Iêmen e o Banco Mundial realizaram discussões ontem terça-feira sobre a expansão de sua cooperação para o desenvolvimento para apoiar sectores vitais no Iêmen.

O Programa Saudita de Desenvolvimento e Reconstrução para o Iêmen e o Banco Mundial realizaram discussões ontem terça-feira sobre a expansão de sua cooperação para o desenvolvimento para apoiar sectores vitais no Iêmen, informou a Agência de

Imprensa Saudita. O Supervisor-Geral do SDRPY, Mohammed bin Saeed Al-Jaber, reuniu-se com uma delegação do Banco Mundial liderada por Stephane Gimbert, director regional para Egipto, Iêmen e Djibuti, na sede do programa em Riade. A reunião também contou com a presença de Dina Abu Ghida, directora do escritório do Banco Mundial no Iêmen, juntamente com funcionários seniores de ambos os lados.

As conversas fizeram parte de uma série de reuniões de dois dias focadas em aprimorar os esforços conjuntos, revisar o progresso das iniciativas existentes e identificar novas áreas de colaboração. Entre os projectos destacados estava o Projecto Lifeline, uma parceria emblemática para impulsionar o sector de transporte no Iêmen. O programa, em cooperação com o Banco Mundial, está actualmente implementando o Projecto de Expansão e Reabilitação da Estrada Al-Abr e o Projecto de Reabilitação da Estrada Hajjat Al-Abd. Essas iniciativas visam melhorar a infraestrutura, aumentar a segurança no trânsito, melhorar a conectividade social e econômica e criar novas oportunidades de emprego.

Al-Jaber e a delegação também discutiram possíveis parcerias em sectores-chave para ajudar a melhorar a vida cotidiana no Iêmen, ressaltando um compromisso compartilhado de ampliar o escopo de projectos conjuntos de desenvolvimento e fortalecer os serviços essenciais. Até o momento, o SDRPY entregou 265 projectos e iniciativas em oito sectores: educação, saúde, água, energia, transporte, agricultura e pesca, capacitação governamental e programas de desenvolvimento mais amplos, cobrindo regiões em todo o Iêmen. **Fonte-Arab News.**

Presidente da Argélia substitui primeiro-ministro



O primeiro-ministro Nadir Larbaoui faz uma declaração durante a terceira reunião plenária da 4ª Conferência Internacional das Nações Unidas sobre Financiamento e Desenvolvimento em Sevilha, em 1º de julho de 2025.

O presidente da Argélia, Abdelmadjid Tebboune, destituiu hoje quarta-feira o seu primeiro-ministro, Nadir Larbaoui, de acordo com um comunicado que não forneceu nenhuma razão para a decisão. Larbaoui, ex-advogado, ocupava o cargo desde novembro de 2023, após uma carreira diplomática que o viu representar a Argélia como embaixador em vários países, bem como nas Nações Unidas. Sua ausência em uma reunião recente para discutir um acidente de ônibus que matou 18 pessoas no país do norte de África chamou a atenção e críticas nas redes sociais. O comunicado da presidência disse que o ministro da Indústria, Sifi Ghrieb, foi nomeado primeiro-ministro interino. Ghrieb, que manterá sua pasta ministerial, actuou em vários cargos seniores, inclusive como presidente do conselho da empresa argelina Qatari Steel. **Fonte-Reuters.**

Israel lança novo satélite de vigilância militar ao espaço



Israel lançou ontem terça-feira o seu mais recente satélite espião, o Ofek 19, ao espaço a partir de um local não revelado, disse o Ministério da Defesa.

Israel lançou ontem terça-feira o seu mais recente satélite espião ao espaço a partir de um local não revelado, informou o Ministério da Defesa. O satélite Ofek 19 foi construído pela estatal Israel Aerospace Industries.

"O Ofek 19 é um satélite de observação SAR (radar de abertura sintética) altamente avançado com recursos aprimorados. Ao entrar na órbita da Terra, o satélite passará por uma série de testes designados para avaliar sua integridade e desempenho", disse o ministério em um comunicado. Israel lançou satélites de observação Ofek desde 1988 para monitoramento e colecta de inteligência para os militares. **Fonte-Reuters.**

Militares israelenses interceptam míssil lançado do Iêmen



Os houthis do Iêmen, apoiados pelo Irão, têm lançado mísseis e drones a milhares de quilômetros ao norte em direcção a Israel.

Os militares israelenses disseram hoje quarta-feira que interceptaram um míssil lançado do Iêmen, enquanto sirenes eram activadas em Tel Aviv e em várias outras áreas do país. Os houthis do Iêmen, apoiados pelo Irão, têm lançado mísseis e drones a milhares de quilômetros ao norte em direcção a Israel, no que o grupo diz serem actos de solidariedade com os palestinos.

Israel retaliou bombardeando áreas controladas pelos houthis no Iêmen, incluindo o vital porto de Hodeidah. Seu último golpe matou altos funcionários houthis, incluindo o chefe do governo. Os houthis, que controlam as partes mais populosas do Iêmen, também atacam embarcações no Mar Vermelho desde o início da guerra em Gaza em outubro de 2023. **Fonte-Reuters.**

Drones israelenses lançam granadas perto de forças de paz da ONU no Líbano

A Força Interina da ONU no Líbano (UNIFIL) disse que drones israelenses lançaram quatro granadas perto das forças de paz que trabalham para remover bloqueios de estradas que impedem o acesso a uma posição da ONU na manhã de ontem terça-feira. "Este é um dos ataques mais graves contra o pessoal e activos da UNIFIL desde o acordo de cessação das hostilidades em novembro passado", disse a UNIFIL em um comunicado ontem quarta-feira. **Fonte-Reuters.**

Erdogan pede aos EUA que não impeçam líderes palestinos de participarem na cúpula da ONU



O presidente Recep Tayyip Erdogan pediu ontem terça-feira aos Estados Unidos que "revisem" a sua decisão de negar vistos a membros da Autoridade Palestina para participarem na Assembleia Geral da ONU neste mês.

O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, pediu ontem terça-feira que os Estados Unidos "revisem" a sua decisão de negar vistos a membros da Autoridade Palestina para participarem na Assembleia Geral da ONU neste mês. Uma autoridade dos EUA disse no passado sábado que o presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, estava entre os 80 funcionários de sua autoridade que teriam vistos negados para participar na Assembleia Geral da ONU, onde a França está liderando um esforço para reconhecer um Estado palestino. A decisão altamente incomum alinha ainda mais o governo do presidente Donald Trump com o governo de Israel, que está travando uma guerra contra o grupo militante palestino Hamas em Gaza.

Israel rejeita veementemente os pedidos para a criação de um Estado palestino e tem procurado unir a Autoridade Palestina, com sede na Cisjordânia, com seu rival Hamas, que governa Gaza. Falando a jornalistas turcos no avião de regresso da China depois de participar na reunião da Organização de Cooperação de Xangai, Erdogan disse que a decisão dos EUA "não estava alinhada com a razão de ser" das Nações Unidas. "Acreditamos que a decisão deve ser revisada o mais rápido possível", acrescentou.

Erdogan, um defensor vocal dos palestinos, muitas vezes criticou Israel por sua guerra em Gaza, acusando o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu de cometer "genocídio" no território palestino. **Fonte-Reuters.**

Reconhecimento do Estado palestino estimularia a corrida em direcção a uma solução de dois Estados



O reconhecimento de um Estado palestino pelas principais nações ocidentais desencadeará uma corrida em direcção a uma solução de dois Estados, disse ontem terça-feira Husam Zomlot, chefe da missão palestina em Londres.

O reconhecimento de um Estado palestino pelas principais nações ocidentais desencadeará uma corrida em direcção a uma solução de dois Estados, disse ontem terça-feira o chefe da missão palestina em Londres. Grã-Bretanha, França, Canadá, Austrália e Bélgica disseram que reconhecerão um Estado palestino na Assembleia Geral das Nações Unidas no final deste mês, embora Londres possa interromper o processo se Israel aliviar a crise humanitária em Gaza devastada pela guerra e se comprometer com um processo de paz de longo prazo. As medidas são projectadas para pressionar Israel a encerrar seu ataque a Gaza e restringir a construção de novos assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada, mas alguns questionam se o reconhecimento é meramente simbólico.

"Acho que será o tiro de partida para o que esperamos ser uma corrida, nem mesmo uma marcha, em direcção à implementação da solução de dois Estados, e esperamos um papel activo, eficaz e significativo do Reino Unido", disse Husam Zomlot, chefe da Missão Palestina em Londres, à Reuters.

Israel, que enfrenta protestos globais por sua conduta na guerra de Gaza, reagiu com raiva aos gestos de reconhecimento, dizendo que eles recompensariam o Hamas. Os homens armados do grupo militante palestino atacaram comunidades do sul de Israel perto da fronteira em 7 de outubro de 2023, matando cerca de 1.200 pessoas, principalmente civis, e levando 251 reféns para Gaza, de acordo com dados israelenses. Uma solução de dois Estados é a ideia de que os dois lados poderiam coexistir em paz um ao lado do outro - um Estado palestino no território que Israel capturou em uma guerra de 1967, com a Faixa de Gaza e a Cisjordânia ligadas por um corredor através de Israel.

Mas a proposta tornou-se menos viável ao longo do tempo, à medida que Israel acelerou a construção de assentamentos judaicos em território ocupado, enquanto os dois lados mantêm posições intransigentes em questões centrais, incluindo fronteiras, o destino dos refugiados palestinos e o status de Jerusalém.

Zomlot disse que o movimento da Grã-Bretanha foi significativo devido ao seu papel no endosso de um "lar nacional para o povo judeu na Palestina" em 1917. Ele disse que não é tarde demais para alcançar uma solução de dois Estados e que espera que o ímpeto que está sendo construído na ONU leve Israel a dismantelar seus assentamentos. "Uma vez que criamos pressão suficiente - pressão significativa - garanto a vocês, é absolutamente possível", disse ele.

A mais alta corte das Nações Unidas disse que em 2024 a ocupação israelense de territórios palestinos e seus assentamentos são ilegais e devem ser retirados o mais rápido possível.

O governo de direita de Israel descarta um Estado palestino e diz que os territórios onde os assentamentos se expandiram não estão ocupados em termos legais porque estão em terras disputadas. Ele cita laços bíblicos e históricos com essas terras. **Fonte-Reuters.**

Irão diz estar aberto a negociações nucleares com os EUA e rejeita restrições a mísseis



O secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irão, Ali Larijani, fala após se reunir com o presidente do Parlamento libanês, Nabih Berri, em Beirute, Líbano, em 13 de agosto de 2025.

O chefe de segurança, Ali Larijani, disse ontem terça-feira que o Irão está aberto a negociações nucleares com os Estados Unidos, mas descartou quaisquer restrições ao seu programa de mísseis.

"O caminho para as negociações com os EUA não está fechado; no entanto, esses são os americanos que apenas falam da boca para fora e não vêm à mesa; e eles culpam erroneamente o Irão por isso", disse Larijani, secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irão. "Ao levantar questões irrealizáveis, como restrições de mísseis, eles estabeleceram um caminho que nega qualquer negociação", escreveu Larijani no X.

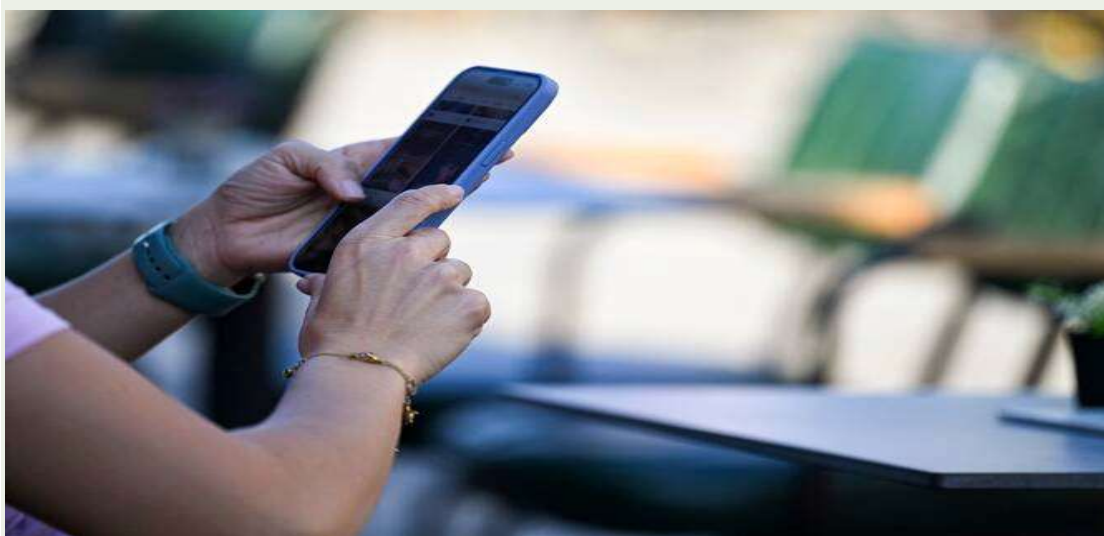
Os comentários vieram dias depois que os EUA saudaram uma medida das potências europeias para reimpor sanções da ONU ao Irão, mas disseram que permaneciam "disponíveis para um envolvimento directo com o Irão". Na passada quinta-feira, Grã-Bretanha, França e Alemanha acionaram uma cláusula de "snapback" no acordo entre o Irão e as grandes potências que permite que as sanções da ONU sejam reimpostas em caso de não cumprimento de suas disposições. **Fonte-Reuters.**

A ameaça global de informações falsas



YOSSI MEKELBERG

02 de setembro de 2025



A desinformação é geralmente considerada como sendo criada para apelar às emoções e explorar preconceitos para influenciar a opinião pública.

Em um mundo onde ameaças e perigos são abundantes, diversos e parecem rastejar de quase todos os cantos, as descobertas de uma pesquisa recente do Pew Research Center, que descobriu que adultos em 25 países veem a disseminação de informações falsas online como a principal ameaça, parecem inesperadas, pelo menos à primeira vista. Por que as pessoas se sentiriam mais ameaçadas por informações falsas do que, por exemplo, a condição da economia global, o terrorismo, as mudanças climáticas ou a disseminação de doenças infecciosas, como revela esta pesquisa?

Não é que as pessoas sejam complacentes com as outras ameaças, com as outras preocupações dos entrevistados não ficando muito atrás. No entanto, logo depois que o mundo parou devido à pior pandemia de que se tem memória; após repetidos avisos de que, a menos que a humanidade tome medidas drásticas para conter o aquecimento global, estamos todos condenados; E o facto de que a maioria das pessoas se sente mais pobre do que há alguns anos, a proeminência da desinformação, ou notícias falsas, como existencialmente assustadoras não é evidente. No final das contas, não temos conhecimento suficiente para distinguir entre verdade e mentira?

Não é que a desinformação seja nova ou exclusiva de nossa geração, mas pode ser a magnitude e a frequência dela hoje e o facto de que aqueles que a espalham o fazem de forma directa e descarada que nos aterroriza. É também porque, em termos gerais, as

peças são mais educadas do que no passado e, portanto, estão cientes dos perigos de espalhar desinformação.

A desinformação é geralmente considerada como sendo criada para apelar às emoções e explorar preconceitos para influenciar a opinião pública. Assume uma variedade de formas, desde a fabricação completa de novos conteúdos até a manipulação de conteúdo existente, personificando fontes confiáveis para desfrutar de credibilidade injustificada, apresentando informações em um contexto completamente enganoso ou criando conexões espúrias. O desenvolvimento de capacidades tecnológicas em termos de volume e velocidade de informação, além de uma infinidade de plataformas e a capacidade de ocultar a identidade ou localização, tornou-se uma mina de ouro para quem espalha desinformação. Os perpetradores variam de relativamente benignos a fraudadores que o fazem para obter ganhos econômicos e governos estrangeiros que tentam influenciar a opinião pública em outros países, mesmo por meio de resultados eleitorais distorcidos.

Ao contrário das outras ameaças sugeridas por esta pesquisa, informações enganosas — ou puras inverdades — são algo a que estamos constantemente expostos e, conseqüentemente, são as inúmeras fontes de comunicação que nos tornam geralmente desconfiados. Cada vez que acessamos um site, nos são oferecidos cookies de dados que não queremos, mas agora sabemos que nossas ações na internet são seguidas e podem ser usadas, para o bem ou para o mal, para nos alimentar com informações, que em muitos casos são imprecisas, se não completamente fictícias. Portanto, não é surpreendente que 72% dos adultos em 25 países digam que a disseminação de informações falsas online é uma grande ameaça ao seu país, enquanto apenas 4% não pensam nisso como uma ameaça.

Classificar informações falsas como a principal ameaça às nossas sociedades não diminui a forma como as pessoas percebem outros riscos e perigos ao nosso bem-estar, até mesmo à nossa própria sobrevivência, como é expresso nesta pesquisa, mas sublinha o facto de que não podemos lidar com sucesso com todos os outros imensos desafios a menos que possamos confiar em informações relacionadas a eles. Em grande medida, somos um produto do Iluminismo do século 18, que foi sustentado pela dedicação à razão e à lógica na busca do conhecimento. Não é surpresa que a era científica tenha se sobreposto ao Iluminismo e, até recentemente, com o surgimento de uma nova era de populismo, operasse com base na premissa de que a existência e o progresso da humanidade dependem da integridade e de informações confiáveis que representam os melhores esforços de nossa ciência actual para estabelecer a verdade.

Os maiores desafios que enfrentamos não têm respostas directas e, para que surjam respostas adequadas, é necessário um pensamento crítico que primeiro estabeleça o que é verdadeiro e o que é falso. A necessidade de diferenciar entre factos e opiniões, verdade e mentiras, é fundamental para a forma como operamos como seres humanos e as relações dentro de uma sociedade. Conhecer a verdade não é uma condição suficiente para evitar que nossas sociedades se desintegram, mas é sem dúvida necessária.

Já se passaram cinco anos desde que aprendemos pela primeira vez sobre o COVID-19 e suas terríveis consequências para nossas sociedades - e agora somos avisados por especialistas de que a próxima pandemia é apenas uma questão de tempo. A pandemia do COVID-19 foi um excelente exemplo de como podemos nos beneficiar de

informações confiáveis e como a desinformação podem ser prejudiciais, literalmente fazendo a diferença entre a vida e a morte. Havia uma batalha constante entre a respeitada comunidade científica, com seus tomadores de decisão que trabalhavam responsabilmente com as informações disponíveis diante de um vírus novo e mortal, e a enxurrada de teóricos da conspiração e políticos populistas irresponsáveis que espalhavam informações falsas que confundiam o público, em seu detrimento.

Da mesma forma, embora a evidência científica de que a mudança climática é de facto uma ameaça genuína e causada pelo homem seja indiscutível, ela ainda não impede que aqueles que a negam completamente ou "meramente" descartam a importância de suas consequências já catastróficas continuem a espalhar sua falsa narrativa. Enquanto a evidência do aquecimento global nos encara, com dados crescentes para confirmá-lo, bem como nossas experiências diárias, há aqueles que, por suas próprias razões, alimentam o público com informações distorcidas que costumam dúvidas sobre sua existência e, no mínimo, retardam nossas respostas a esse desafio mortal.

Para piorar as coisas, na era do populismo e das redes sociais - que parece ser um casamento feito no inferno - aqueles que espalham hipóteses falsas e infundadas como se fossem o resultado de um esforço bem pesquisado esperam ser tratados com o mesmo respeito que aqueles que honram a integridade dos métodos científicos. Cada vez mais, eles fazem isso encontrando financiamento para criar meios de comunicação tradicionais, como jornais ou estações de rádio e TV, ou usando indevidamente as redes sociais como desejam.

O valor e os benefícios de aderir à verdade são importantes em qualquer caminhada da vida, seja nas relações entre os seres humanos ou com a natureza, pois nos permitem confiar uns nos outros e em nossas instituições. Esta é a cola que nos mantém unidos, sem a qual a própria existência de nossas sociedades e sua capacidade de prosperar são colocadas em risco.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA da Chatham House. X: @YMekelberg

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor